

Leïla Slimani
O Diabo está nos detalhes
seguido de
Assim escrevo



Tradução de Tânia Ganho

Ao envelhecer, Amine Moussa tornou-se medroso. Ele, professor universitário, amado e respeitado por todos, está tomado por angústias e insónias. A mulher acha graça. Atika troça da paranoia do marido. Acha que ele está a lidar mal com o aproximar dos sessenta anos. Não compreende.

Na rua, Amine sobressalta-se sem motivo. Começou a falar sozinho. Sente-se desconfortável em toda a parte. Até em casa, onde já não suporta a presença da empregada doméstica. Detesta aquela solteirona, com o seu olhar de soslaio e boca amarga. Ela conta, orgulhosa, que o irmão partiu para Damasco, que lhe envia dinheiro que ganhou a combater. Muito dinheiro. Ela dá graças a Deus, com as palmas das mãos viradas para o céu, por ter orientado o irmão para o caminho da jihad. Há uma semana, avisou Amine: «Professor, não posso continuar a trabalhar para si, se beber álcool. Se eu tocar numa garrafa, Deus

proíbe-me de entrar no paraíso.» Ele teve vontade de lhe perguntar a que texto foi ela buscar tamanho disparate, mas não se atreveu. Uma tarde, apanhou-a a queimar um fósforo sob o olhar da filha dele. «Estás a ver? Os teus pais e tu vão arder nas chamas do inferno, como todos os infiéis que desprezam os ensinamentos do islão.» Quando ele se queixou, Atika encolheu os ombros: «Oh, pára com isso. Ela é meio maluca. Não sei porque é que dás tanta importância a esses pormenores. Estás a exagerar.»

É certamente a idade que alimenta a sua inquietação. Mas ele é incapaz de não ver esses pormenores que estragam o dia a dia, que alimentam o seu mal-estar e o enchem de medo e de vergonha. Depois do jantar, recolhe as garrafas de álcool vazias, esconde-as em sacos do lixo e percorre dois quilómetros de carro para os deitar fora num contentor. É que teme uma denúncia do porteiro da sua rua, um ruivo que deixou crescer a barba e trata as miúdas do colégio privado de putas e cadelas. «Devíamos casá-las a bem ou a mal, não acha, professor?» Amine não responde. Amine não diz nada.

Cala-se quando se senta ao lado de um taxista que ouve cassetes de um pregador saudita. Ouve-o despejar o seu ódio aos judeus e aos infiéis, e aplaudir a fatwa que autoriza o assassinio de todos aqueles que renunciarem ao islão. Amine não quer confusões. Paga a corrida e sai do táxi.

Atika diz que ele exagera. Que há loucos em toda a parte, que isso não significa nada. É verdade que ela ficou furiosa quando a professora deu um estalo a Mina, a filha deles, por se ter atrevido a questionar um versículo do Alcorão. «Eu só disse que uma aranha não era capaz de tecer numa hora uma teia suficientemente grande para proteger a gruta onde o Profeta se refugiou.»

Já não é uma questão de pormenores, quando criam uma «brigada de promoção da virtude e prevenção do vício» no bairro. «Que dizes tu disto?», gritou Amine, brandindo um recorte de jornal diante dos olhos da mulher. «Estes fanáticos de Deus, armados de facas e bastões, atacaram um grupo de jovens e mataram-nos à pancada. Porque eles saíam à noite, porque não rezavam ou porque bebiam álcool. Ninguém sabe ao certo.»

Amine mudou. Tornou-se soturno. Está obcecado com os véus, essas muralhas de nylon preto que invadiram os anfiteatros onde ele dá aulas, a praia aonde vai com a filha, os cinemas onde cortam as cenas de beijos ultracarinhosos. Tem vontade de mandar calar as pessoas que desataram a invocar Deus, o Diabo, a xária e a honra sagrada das mulheres daquele país.

Não quer entregar-se, como o seu velho colega Hamid, à nostalgia exacerbada. Recusa-se a idealizar a sua infância, a contar a coexistência pacífica com os vizinhos judeus, as minissaias das raparigas e os ideais marxistas

nos bancos da faculdade. Não dirá que, na época, nunca ouvia falar de religião. Que o seu pai rezava, sem dúvida, mas tão discretamente que ele não se lembra de algum dia o ter visto de joelhos.

Atika é tão doce. Por vezes, consegue tranquilizá-lo, abrir-lhe os olhos para a beleza que os rodeia. Ela adora o ambiente festivo dos últimos dias do Ramadão. E é para lhe agradar que ele faz um desvio, nessa noite, pelo bairro El-Manar. Detém-se na padaria Nour para comprar os crepes recheados que ela adora e uns doces para Mina.

As pessoas fazem fila até à rua. Empurram-se. Impacientam-se. Uma mulher posta-se atrás de Amine. Ele vê-a chegar, o rosto bonito emoldurado por um véu malva. Ela observa-o com insistência. Bate com os pés no chão. Aproxima-se tanto que quase o pisa. «Deve ser uma aluna», pensa ele. Uma jovem que assistiu às suas aulas, mas de quem ele não se recorda. Nesse instante, quase consegue sentir os seios dela nas suas costas, o hálito quente no seu pescoço. Deve estar a imaginar coisas. Uma mulher tão bonita, tão jovem, não pode estar interessada nele. Ela sai da fila. Põe-se de frente para ele, aproxima o rosto do dele. Amine prepara-se para a abordar, quando ela desata aos gritos, apontando-o de dedo espetado: «Ele esteve a fumar! Ele esteve a fumar! Violou o jejum, cheira a tabaco.» Os clientes alvoroçam-se. Atrás da caixa registadora, a funcionária da padaria apela à calma. Amine

encolhe os ombros, num gesto de impotência. Anda às arrecuas. Aproximam-se vários homens. Insultam-no, invocam Deus como testemunha. Alguém o puxa pelo casaco. Ele corre.

Depois da chacina levada a cabo por Mohamed Merah, quando *Le Monde des livres* pediu ao escritor Salim Bachi para se pôr na cabeça de Merah e escrever um texto de ficção, este suscitou reações muito fortes. «Indecente», disseram algumas pessoas. «Inconveniente», «imundo», «escandaloso», «uma falha moral», protestaram leitores anónimos e intelectuais. Uns dias depois da carnificina do *Charlie Hebdo*, propuseram-me o mesmo exercício e eu tentei fazê-lo. Com sinceridade, com uma genuína vontade de compreender o que se passou na mente daqueles jovens assassinos. Fiz pesquisa, escrevi umas linhas. E desisti. Não por ter medo das críticas. Não por ser cobarde ou por considerar que alguns assuntos são tabu. Mas porque me era impossível, no espaço de umas horas, enquanto a França vivia momentos de emoção e recolhimento intensos, entregar-me a semelhante exercício. Esse retrato, se o escrever um dia, deverá nascer

de uma verdadeira necessidade, de uma vontade irresistível de enfrentar o desafio.

Aos ensaístas, tal como aos escritores, caberá em breve a tarefa da objetividade. A tarefa de recuar uns passos para apreciar o que se passa. Por ser um espaço imenso de liberdade, onde podemos dizer tudo, onde podemos conviver com o mal, narrar o horror, libertarmo-nos das regras da moral e da etiqueta, a literatura é mais do que nunca necessária. Traz complexidade e ambiguidade a um mundo que as rejeita. A literatura pode auscultar, sem rodeios e sem concessões, o que as nossas sociedades produzem de mais feio, de mais perigoso e de mais infame. Exige tempo num mundo onde tudo é rápido, onde a imagem e a emoção levam a melhor sobre a análise. Mas, para desempenhar plenamente o seu papel, tem de estar à altura de si própria e destes ideais. «A literatura é o essencial ou então não é nada. Esta conceção não exige a ausência de moral, exige uma “hipermoral”», escreveu Georges Bataille.

Escassos dias antes da chacina no *Charlie Hebdo*, era o escritor Michel Houellebecq, e o seu livro *Submissão*, quem estava em destaque na imprensa. Mais uma prova de que a França é um país onde os escritores têm importância. Mais uma prova de que a literatura é um espaço de livre expressão, estejamos ou não de acordo com as afirmações de um autor. Qualificado de provocador,

de aprendiz de feiticeiro, de islamofóbico, mas também de extraordinário escritor ou visionário, Houellebecq suscitou um debate muito vivo. Surgiu, então, uma pergunta: Qual é a responsabilidade na literatura? Um escritor tem de se mostrar «responsável» perante a situação geopolítica de um país, perante os acontecimentos? Deve autocensurar-se se souber que as suas afirmações correm o risco de incendiar uma sociedade já em polvorosa? Creio que não.

Um homem como Salman Rushdie deve ser considerado irresponsável? É claro que não. Devemos acusar Kamel Daoud, também ele ameaçado por uma fatwa, de deitar achas para a fogueira por ter ousado dizer o que pensa do desvirtuamento do islão? É claro que não. O grande escritor egípcio Alaa El-Aswany, atacado duas vezes, fisicamente, pela Irmandade Muçulmana no Cairo, será ele um provocador? É precisamente por poder dizer tudo que a literatura constitui um exercício tão difícil. É por ela não poder contentar-se com pensamentos esquemáticos, generalizações, clichés, que ela é importante e essencial.

Responsável, não, mas honesto, sim. Houellebecq, embora obviamente livre de escrever o que quiser, faz mal em esconder-se atrás de uma falsa posição de neutralidade. Com displicência, afirma que nunca um romance mudou o rumo da História. Talvez tenha razão. Mas eu

continuo convencida de que os leitores, sim, podem fazê-lo. Os romances talvez não mudem o mundo, mas modificam substancialmente a visão que temos dele. Questionam-na, apuram-na, põem em causa o que sabe o homem sobre o facto de ser. Durante as enormes manifestações que tiveram lugar em França, a 11 de janeiro, quantos anónimos, de cá ou de outras partes do mundo, tinham na mão livros de Voltaire, de Victor Hugo, de Émile Zola, como que sinais de que essas obras tinham, também elas, contribuído para fazer a França de hoje?

Quando o meu romance foi publicado, tive a fraqueza de ir ver o que diziam dele nas redes sociais. Fiquei aterrada com as mensagens de ódio que as pessoas me mandavam, claramente próximas da ideologia islamita. Além do que represento e dos temas que abordo na escrita, independentemente do facto de ser, aos olhos deles, uma mulher magrebina vendida ao Ocidente e uma infiel, o meu maior crime para eles era ter escrito um romance. «Só existe um livro», insurgiam-se eles. «A literatura é a glorificação da mentira.» Esses fanáticos, esses bárbaros, incultos e ignorantes brandem um livro em exclusivo, e leram-no mal. No mundo árabe, temos 60 milhões de analfabetos numa população de 280 milhões. Segundo a ALECSO (Organização Árabe para a Educação, a Cultura e as Ciências), cada habitante dedica apenas seis minutos por ano à leitura de um

livro, e a grande maioria dos livros publicados falam de religião. Todos os ditadores árabes o sabem: se educarem os homens, correm o risco de eles os derrubarem. E de, um dia, desfilarem, de caneta em punho.

Nas alturas de Tânger, num bairro de onde se vê em simultâneo o mar e o oceano, vivia um sábio chamado Hamid. O homem, velho e piedoso, crescera com temor a Deus e respeito pelos homens. Tal como o seu pai, entregava-se todos os dias com fervor e modéstia ao ritual das cinco orações. E, quando os dramas vieram bater-lhe à porta — a mulher morreu e ele perdeu o emprego —, foi no sagrado Alcorão que encontrou consolo para a sua dor.

Um dia, quando subia a rua principal do bairro, ouviu uns jovens a gritarem na esplanada de um café: «Messi! Messi!» O velho inquietou-se com aquele alvoroço e pensou que estava prestes a rebentar uma zangata. Na multidão, reconheceu o sobrinho, Karim, um rapaz inculto e sem ambição, para quem aquela tasca era o quartel-general. De pé, braços no ar, parecia possesso.

— Que se passa? — perguntou-lhe Hamid.

— Tio, olha — disse ele, apontando para o televisor pousado no balcão. — O nosso novo herói: o Messi marcou um golo contra o Irão.

— Ah — sorriu Hamid.

Preparava-se para seguir caminho, quando o sobrinho lhe agarrou no ombro e o obrigou a sentar-se.

— Não ficaste feliz com esta façanha?

— E em que é que isso nos diz respeito? — questionou o velho.

— Tudo o que prejudicar os aiatolas xiitas nos diz respeito. Então não sabes o mal que os xiitas fazem ao islão? São uns hereges, adoradores de Satanás. Não sabes que eles passam o dia a insultar a mulher do Profeta e os califas? No Ashura, enquanto nós oferecemos prendas às crianças e festejamos em família, eles flagelam-se em plena rua, até sangrarem, com chicotes e espadas. Nunca Alá permitiria tal coisa. Os xiitas não são muçulmanos, ponto final. São alheios à verdadeira fé. E até coro por dizer isto, mas são uns fornicadores.

O velho arregalou os olhos.

— Sim, completamente! — exaltou-se o sobrinho. — Aqueles cães autorizam casamentos de umas horas só para se entregarem às suas tendências lúbricas. Às vezes, trocam de mulher entre eles para satisfazerem as suas fantasias. Deus nos proteja desses hereges. — Karim cuspiu

para o chão e dirigiu-se para o fundo da sala, onde os jovens bebiam cerveja às escondidas.

Hamid fez um gesto com a cabeça, tomado pela dúvida. Realmente Karim era propenso a inflamar-se e a dar ouvidos aos discursos mais absurdos. Hamid apoiou-se na bengala para se levantar quando o dono do café veio saudá-lo.

— *Si* Hamid, os meus cumprimentos. Já viu esta juventude? Não servem para nada, já não têm mérito nenhum. Ouvi o que o seu sobrinho estava a dizer e fique sabendo que ele está a ir por maus caminhos. Não devia insultar muçulmanos daquela maneira. É que os xiitas são muçulmanos: rezam virados para Meca e adoram o nosso profeta Maomé, que a paz esteja com ele. É verdade que se afastaram do caminho certo e são manipulados por aqueles tipos de turbante e olhar tresloucado. Mas é nosso dever trazê-los para o nosso seio, porque temos o mesmo inimigo: os judeus e o Ocidente decadente. É a América que nos divide, para melhor nos dominar. — E cuspiu para o chão, sob o olhar repugnado do velho.

Hamid levantou-se sem olhar para trás. Pelo caminho, pensou no pai que dava aulas na escola do bairro e que conhecia os rituais sufis e as fábulas de antigamente. Tinha-lhe contado que, na Pérsia, país acerca do qual Hamid nada sabia na altura, os homens rezavam pela vinda de um *Mahdi*. «Um dia, no fim dos tempos, reinará

a justiça e os regimes despóticos serão abolidos. A paz será eterna e o lobo comerá junto do cordeiro. As mulheres não serão espancadas nem violadas. Na terra, a violência e a miséria desaparecerão e todo aquele que matar e cometer atrocidades em nome da religião será punido. Haverá uma só religião e uma só humanidade.»

Seria esse sonho um sonho ímpio? Teria ele pecado ao desejar essa solução para o mundo?

O homem chegou finalmente à porta de sua casa, onde a sua filha Amina o esperava, de semblante inquieto.

— Onde é que estavas? É tão tarde.

Ela acompanhou-o ao quarto e serviu-lhe um chá a ferver. Ajudou-o a instalar-se, mas o pai parecia ausente, preocupado.

— Que se passa, pai? O que é que te apoquentá?

Sentado, encostado à parede, de olhos meio fechados, contou à filha o que tinha ouvido. As palavras do dono do café, a veemência do seu sobrinho Karim.

— Ah — disse o velho, coçando o queixo. — Que época, filha! Se é isto a modernidade, não é para mim. Neste momento, há tantos tipos de muçulmanos como marcas de carros. E cada um pensa que vale mais do que os outros. No meu tempo, isso não existia. Havia os judeus, sim, que eram diferentes. E, mesmo assim, não celebrávamos nós as festas com eles? Não dizíamos nós *Sidna Musa* por respeito para com o profeta deles? Que época!

Leïla Slimani é um nome incontestável do panorama literário de língua francesa e uma das autoras mais lidas do presente. Neste livro, descobrimos as causas que a movem, as injustiças que a indignam, as razões por que escreve.

«Como é um espaço imenso de liberdade, onde podemos dizer tudo, onde podemos conviver com o mal, narrar o horror, libertarmo-nos das regras da moral e da etiqueta, a literatura é mais do que nunca necessária. Traz complexidade e ambiguidade a um mundo que as rejeita. A literatura pode auscultar, sem rodeios e sem concessões, o que as nossas sociedades produzem de mais feio, de mais perigoso e de mais infame. Exige tempo num mundo onde tudo é rápido, onde a imagem e a emoção levam a melhor sobre a análise. Mas, para desempenhar plenamente o seu papel, tem de estar à altura de si própria e destes ideais.»

Assim acontece nos textos que compõem este livro, que vão desde contos ao estilo de Tchékov a defesas apaixonadas da leitura, passando por um iluminador diálogo sobre o universo narrativo da autora, que exhibe aqui a sua afinadíssima lucidez e subtil acutilância. Publicados antes de *Canção doce*, romance que lhe valeria o Goncourt, e da trilogia *O país dos outros*, que a afirmou irrefutavelmente como um dos grandes nomes das Letras francesas, estes escritos descortinam a chama que impele a autora franco-marroquina a dedicar a vida à escrita e à defesa da literatura como arma capaz de derrubar os muros do preconceito, da intolerância e da violência.





**«Não tem mal não saberes quem és,
Viveres no país dos outros, que é o mais belo país do mundo.
Senta-te a um canto,
Vê como eles dançam,
Não te transformes em pedra, porque como pedra não arderás
E leva contigo o fogo, aonde quer que vás!»**

LEÏLA SLIMANI



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)
 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-428-4



9 789895 894284